



# Truques e tenacidades (1981 - 2001). Como recuperar as terras<sup>1</sup>

## Ruses et ténacité (1981-2001). Comment récupérer les terres

Benedikte Zitouni<sup>2</sup>  
Tradução Felipe Vargas<sup>3</sup>

É importante que, desde o momento presente, nós contemos a história de ação que conduzimos, enquanto ela ainda é palpável, enquanto nós ainda a 'sentimos' e antes que a mitologia [ativista, histórica e pública] não tome conta de nós e de todos (DWLE 8-5)<sup>4</sup>.

### Mulheres versus a ordem estabelecida

Nós não podemos deixar a decisão a esses homens que não estão nem aí com o futuro pelo qual nós nos apaixonamos e que não sabem nada sobre o sentido da vida a qual nós amamos (DWLE 5-3).

A ilegalidade da sua ação e a ridicularização que elas fazem pesar sobre o Governo Britânico, no começo dos anos 1980, conduziram as mulheres de Greenham à capa do jornal. Em dezenas, elas vêm ocupar o contorno limítrofe de uma base militar no norte da Inglaterra, a fim de evitar que mísseis nucleares sejam ali recebidos. Elas bloqueiam as entradas, fazem rondas, interpelam os militares, entram as obras e, na maior parte do tempo, elas o fazem cantando e dançando. Isso irrita.

Tudo começa na data de cinco de setembro de 1981, antes mesmo que o acampamento estivesse sido estabelecido, quando quatro mulheres se acorrentam na grade e exigem serem ouvidas pelo Ministro do Interior. Os conselheiros municipais não poupam suas palavras. O parlamentar Lord Chalfont diz estar "profundamente chocado em ver campanha política de tal porte, um assunto sério e de tal magnitude, isto é, a temática nuclear, militar e civil, sendo tratado por pessoas que passam seu tempo

<sup>1</sup> N.T. Este texto foi originalmente publicado como prefácio para a edição francesa do livro *Des femmes contre des missiles: rêves, idées et actions à Greenham Common*, de Alice Cook e Gwyn Kirk, publicado em 2016 pela Editora Camburakis. No entanto, para além de notas e comentários sobre o livro, Benedikte Zitouni oferece uma profunda análise do material documental (escrito, fotográfico e em áudio) que instruiu os eventos empíricos dos quais tratam o livro, isto é, a série de contestações levadas a cabo por mulheres contra às instalações de bases de mísseis nucleares na Inglaterra no contexto da Guerra Fria. Como a própria autora salienta, mais do que um episódio circunscrito a este momento histórico, os acampamentos de mulheres pela paz propõem novas maneiras de construção da sororidade, de luta sócioambiental e de invenção do agir político. Devido a originalidade do presente texto, decidiu-se convertê-lo em artigo e disponibilizá-lo às leitoras da língua portuguesa. Para referência ao original, citar: "Ruses et ténacité (1981-2001). Comment récupérer les terres". *Préface de Bénédikte Zitouni à Des femmes contre des missiles - rêves, idées et actions à Greenham Common* d'Alice Cook et Gwyn Kirk. (c) éditions Cambourakis, 2016.

<sup>2</sup> Dra. em Sociologia pelo Instituto de Ciências Políticas de Paris e pela Universidade Livre de Bruxelas (VLB). Profa. permanente da Faculdade de Ciências Econômicas, Sociais e Políticas da Universidade de Saint-Louis, na Bélgica. Integrante do GECO - Grupo de Estudos Construtivistas <<https://groupeconstructiviste.wordpress.com>>.

<sup>3</sup> Dr. em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador PNPd no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS. Integrante do Grupo TEMAS - Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade <<http://www.ufrgs.br/temas/>>.

<sup>4</sup> Farei referência, ao longo deste artigo, aos arquivos de Glamorgan que podem ser acessados em <<http://glamarchives.gov.uk>> e também em <<http://www.womensarchiveswales.org>>, este último sob responsabilidade da organização *Women Archives Wales (WAW)*, coordenado pelas historiadoras Deidre Beddoe e Ursula Masson da Universidade de Glamorgan que, inquietas com o tratamento inadequado das fontes oficiais, sistematizaram e organizaram os documentos referentes aos episódios de Greenham Common. Outra fonte de arquivos regularmente referida é o *Women for Life on Earth Records* <<http://www.wloe.org>>, aqui citada como DWLE. Esta associação, criada em 2000, junto com a WAW, doravante referida no texto por DWAW, serve de fundos financeiro-institucionais de apoio à luta das mulheres contra os mísseis nucleares e outras causas políticas, de gênero e ambientais. Por fim, farei menção ao *People's Collection (DX)*, outro depósito de arquivos que possui uma série de documentos registrando os eventos de Greenham Common.



com crianças e que não encontram nada melhor a fazer, ali, do que cantar cantigas despropositadas” (DWLE 1-117, Anne Pettit citando e reagindo a um extrato da fala de Lord Chalfont).

A segurança nacional é um tema deveras complicado e importante para ser deixado à revolta de algumas mulheres (DWLE 1-122, resposta de Lord Chalfont). Enquanto estas demandam um debate televisionado com os homens políticos, a resposta da mídia não é nem um pouco diferente. O diretor geral da BBC lhes recomenda com veemência - e não sem ironia - ir atrás dos programas nos quais participam *experts* sobre a temática nuclear e participar no *You the Jury*, emissão que submete as opiniões particulares ao escrutínio do público (DWLE 1-118, carta de Norman Longmate ao diretor da BBC). Declara, ainda, um outro canal: “eu receio que não se organizem debates entre os homens políticos e isso que vocês chamam o povo (comum). São outras as técnicas que nós utilizamos” (DWLE, 1-116, carta de David Cow da London Week Television).

Estas reações não espantam. A história das lutas mostra que as mulheres que tentam o impossível, tendo por arma não mais que seus próprios corpos, sua raiva e sua alegria de viver, passam, frequentemente, como desmioladas e histéricas (SWERDLOW, 1993; COCKBURN, 2012). Em Greenham, mesmo os maridos simpatizantes confessam seu mal estar. Testemunha esta mulher:

Foi super excitante. Nós cantávamos enquanto caminhávamos para nos juntar às mulheres acorrentadas nas grades. John achava a atmosfera um tanto bizarra. Não se parecia nada com o que ele estava acostumado, mesmo sendo militante. Ele tinha muita dificuldade em entrar nesta atmosfera carnavalesca (DWLE, 8-12, Carta de Sue Lamb).

Enquanto as mulheres se instalam naquele lugar, visto que elas não haviam ganhado nada com os conselheiros municipais e a mídia, um outro companheiro de caminhada vai lhes demandar, justamente, não depreciar a luta por estes métodos “brincalhões” (DWLE 1-158). Eles poderiam ser confundidos com uma seita *Hare Krishna* e isto o preocupa.

As mulheres se perguntam se os homens não perderam a capacidade de se opor com imaginação e inventividade (DWLE 6-28). Não seria ainda mais necessário, então, criar um lugar *para* as mulheres e explorar *suas* maneiras de agir? É aí, então - a decisão é também tática (o adversário ousará menos atacar mulheres) - que elas pedem aos homens para saírem do lugar e não mais intervirem senão como apoio às ações que *elas* escolhessem realizar.

A data, agora, é três de fevereiro de 1982. O primeiro acampamento da paz de mulheres, nomeado Greenham Common, adjunto à base militar e às terras ocupadas, nasce.

Outras mulheres juntar-se-ão ao movimento *women-only*. No Reino Unido, elas ocupam as bordas das bases militares em Waddington (1982), Brawdy (1983), MenwithHill (1984) e Aldermaston (1985); elas acampam nos arredores dos polos de pesquisa e desenvolvimento nucleares em Capenhurst e Burghfield (1982 - 1983). Na Holanda, elas se instalam nos portões dos aeroportos militares de Soesterberg (1982 - 1984) e Valkenburg (1982 - 1984). Na Itália, elas ocupam o perímetro da base militar em Comiso (1983). Nos Estados Unidos, elas se instalam nos arredores de uma usina da Boeing em Puget Sound, na costa oeste (1983), e nos arredores do depósito de armas norte-americano do condado de Seneca na costa leste (1983 - 1984). Na Austrália, elas estabelecem um acampamento na base naval de Cockborn Sound (1983-1984). A lista se alonga se considerarmos, também, os acampamentos estabelecidos nos centros das cidades, onde as mulheres chamam a atenção para o destino de suas companheiras, presas e perseguidas pela justiça por terem invadido e sabotado as bases militares. Para não mencionar senão aqueles que são celebrados na *internet*, são erguidos acampamentos da paz em Brighton, no Reino Unido e em Ann Arbor, nos Estados Unidos (1983)<sup>5</sup>.

Há, portanto, dois frentes, um na cidade e outro fora dela. As ocupações são estratégicas. O movimento costura uma teia que pretende afetar todas as engrenagens oriundas dos desdobramentos

<sup>5</sup> Ver <<http://www.mybrightonandhove.org.uk>> e <<http://peacecampherstory.blogspot.be>>, consultados em agosto de 2016.



dos novos mísseis nucleares *Cruise* e *Pershing II*. As italianas assim clamam, em alto e bom tom, quando elas rebatizam seu acampamento, chamando-o *La Ragnatela*, ou *Teia de Aranha*.

O começo de Greenham Common é aquele de um acampamento catalisador. O acampamento é a mãe de todos os acampamentos. Trata-se, aqui, de uma evidência. Mas é muito importante, também, apreender que este começo está marcado por uma escolha deliberada que pode explicar tanto o entusiasmo repentino, quanto a irritação suscitados pelo acampamento, e que buscam, por assim dizer, descortinar a originalidade deste acontecimento.

As mulheres de Greenham não sentem nenhum incômodo em bradar o desprezo pela ordem estabelecida e resistir aos bons conselhos que seus companheiros homens lhes dão. Afinal, elas escolheram convocar evidências radicalmente outras e alocaram seu destino, assim, em suas próprias mãos. Com efeito, desde o começo, nas agendas dos endereços e contatos de todas que estão mobilizadas, elas se tratam e se chamam, incluindo elas próprias, de "as mulheres comuns". Todas as ações, desde a caminhada<sup>6</sup> inicial até a base militar, assim como as primeiras ocupações, são conduzidas e apoiadas por mulheres de posições e vínculos dos mais distintos: donas de casa, pensionistas, desempregadas, diaristas, de trabalho temporário, estudantes e militantes dos arredores, dentre outras que afluem dos quatro cantos do país após terem sido alertadas de boca à boca.

Todas vêm expressar sua recusa em morrer uma morte efeito das manobras e complôs dos homens de poder que, contrariamente a elas, parecem *não* se importar com a vida. Esta vida que lhes é tão cara, que se ramifica para além delas mesmas, abraçando e envolvendo todas as outras vidas as quais elas se sentem encarregadas de cuidar, assim como todas as outras vidas com as quais elas se sentem solidárias. Esta vida está ameaçada pelas paixões mortíferas de homens que se prestam ao jogo econômico e geopolítico destrutivo. O grito de coletividade é simples:

Nós, mulheres, trabalhamos duro em prol de um cuidado [...] nós investimos nosso trabalho para os outros e sentimos que temos uma responsabilidade particular a oferecer ao porvir - não um mundo devastado, estéril e em ruínas; não uma morte lenta e dolorosa (DWLE 1-8, comunicado à imprensa).

Percorrendo as centenas de cartas, anotações, notas e cadernetas que foram trocadas entre as mulheres de Greenham, é difícil não ver que, neste coletividade, uma sororidade se criou. "Antes, eu não gostava das mulheres, declara uma delas. Agora, eu as adoro!" (Helen John, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>, acessado em 2016)<sup>7</sup>. A esposa de um líder da esquerda política confessa: desde Greenham, ela sabe que o desejo de se engajar de outras maneiras e de se emancipar de seu marido não são, tão-somente, caprichos privados (DWLE 1-168, Judy, esposa de John Cox). Dito de outro modo, as maneiras de agir, de dançar, de cantar, de perverter as cantigas e sabotar - sem assim fazer parecer - as bases militares, se convertem na face visível desta sororidade. A escolha de dirigir o chamado a outras mulheres e de reivindicar algo tão comum como a alegria de viver tecem esta unidade.

Uma delas tenta qualificar isto que as reúne em Greenham e ela escreve a outra: "Talvez, nós sejamos, simplesmente, seres que gozam da vida com apetite e que não têm o desejo de vê-la destruída" (DWLE 8-12, Sue Lamb). Tal sororidade ou *pacte jouissif*<sup>8</sup> não pode senão provocar o

<sup>6</sup> N.T. No original *marche*. O português possui tradução literal para *marcher* (no francês), qual seja, *marchar*. Todavia, em português, o termo é carregado de conotação exclusivamente masculina: "2. modo de andadura dos homens e dos animais; passo" (OXFORD, 2016. Meio virtual). Por escolha da autora, optou-se a tradução por *caminhada*.

<sup>7</sup> Em 2006, por ocasião do 25 aniversário do começo da ocupação, o jornal *The Guardian* encomendou um filme comemorativo às então realizadoras do vídeo *Politics at Greenham*. Estas últimas, a seu turno, convocaram as antigas participantes do acampamento a trocar materiais. Tantas foram as respostas e as trocas que o sítio supracitado foi criado.

<sup>8</sup> N.T. Sem itálicos no original. A difícil tradução desta expressão para o português, mantendo o sentido forte que ela carrega, mas igualmente, a pedido da autora, sem desrespeitar os sentimentos estabelecidos, nos levou a manter a expressão no original. Uma tradução literal seria "pacto de gozo" ou "pacto de desfrute". A ideia deste pacto, no contexto da criação da sororidade evocada, remete à construção política de uma aliança entre mulheres que partilham a sensação de gozo ou prazer ao agir.



incômodo e a hostilidade, visto que ele decorre de uma potência de irreverência. Lord Chalfont tem, de fato, razão de estar chocado e as mulheres de Greenham seriam tolas em se deixar parar por aí, visto que ali acontece algo nada habitual.

Em primeiro de janeiro de 1983, o mundo inteiro está convencido. Neste mesmo dia, uma imagem, inquietante para uns e de regozijo para outros, ganha o cotidiano. Durante a noite, iluminadas pelos holofotes presentes nos canteiros das obras, as mulheres dançam, em roda, em cima de montes de terra. No sopé destes, se veem as grades, os arames farpados e as viaturas destinados, todos, a proteger estes montes de terra que são - e isso se lê em algumas notícias - o silo nuclear, cavoucado a duras penas e destinado a abrigar os mísseis que chegariam este ano vindos de depósitos nos Estados Unidos.

No ano novo, as mulheres de Greenham são um elemento central do jogo militar orquestrado pelo bloco do Oeste contra a URSS. Dirigindo-se à base, um lugar de alta segurança internacional, elas assumem um risco difícil de sopesar. Isso impressiona. Os meios de comunicação recordam que, há pouco tempo, em 12 e 13 de dezembro de 1982, Greenham tomou conta das manchetes: 30.000 mulheres rodeavam a base militar, um perímetro de 10km; e cantavam; e faziam vigília; e homenageavam todas e todos que amavam; e, depois de tudo, já no dia seguinte, bloqueavam todas as entradas da base; e cantavam. Ninguém pode ficar indiferente a estas ações, sobretudo o governo.

Em seis de janeiro de 1983, a Primeira Ministra Margaret Thatcher remaneja os assentos de seu gabinete de modo que Michael Heseltine se converta em Secretário de Defesa (ele, antes, já havia sido nomeado Secretário do Ambiente). Este é o ato que declara guerra contra as mulheres em Greenham. Quando os mísseis chegam em novembro, ele não hesita em dizer, de dentro do parlamento, que as mulheres estavam arriscando serem alvejadas se acaso entrassem mais um pouco adentro das bases militares. Ele as trata como terroristas e declara que é dever do governo proteger o nuclear (deixando em aberto se se trata do civil ou do militar) (DWAU 10-55, seção parlamentar de 01.11.1983). Em transmissão televisiva, ele explicita:

O ocidente está enfrentando novas formas de desobediência e de manifestações públicas, novas atitudes de pessoas que têm, talvez, preocupações legítimas, mas que pertencem ao extremismo político. Este extremismo carrega motivações que devem ser bem compreendidas. Estas pessoas estão prestes a infringir a lei e gerar incômodo, estão prestes a perturbar os procedimentos pacíficos e normais da sociedade. Nós devemos observar mais de perto como defender e manter a paz social (Vídeo Prisão, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>, consultado em agosto de 2016).

Nós sabemos, hoje, graças aos arquivos do Gabinete Ministerial que estão gradualmente vindo a público depois de 30 anos classificados como arquivos confidenciais, que as mulheres de Greenham embaraçam e desconcertam o governo. Elas acrescentam um elemento de complicação nas relações transatlânticas. Quando o vice-presidente norte-americano, George Bush Sênior pergunta por notícias sobre as mulheres de Greenham, por ocasião de uma conversa privada com Thatcher, em junho de 1983, ela o responde com uma sutileza fingida: “Oh, elas não são senão uma excentricidade” (The Telegraph, em 01.08.2013; The Guardian, em 17.04.2013).

Entretanto, somente seis meses mais tarde, depois que Heseltine, ele mesmo, havia garantido a segurança do local, depois que os mísseis já haviam sido instalados, esta “excentricidade” logrou ocupar a torre de controle aéreo! (Seção Calendário em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>). O ridículo se converteu em tático ou, como constata um simpatizante local, os acampamentos da paz são eficazes porque eles “molestam as autoridades e suas negociatas com os americanos” (DWAU 46).

Isto não é tudo. Os arquivos do Gabinete Ministerial mostram que as mulheres de Greenham *dividem* o governo. Os conservadores são sensíveis à questão da autodeterminação. Não daquela do povo contra os homens políticos tal qual reivindicada pelas mulheres, obviamente, mas aquela do Reino Unido contra os Estados Unidos. Com efeito, os Ministros se perguntam com base em qual direito podem os Estados Unidos fazer eclodir uma guerra nuclear desde *seu* território? *Quem* apertará



o botão? As mulheres, por meio do modo como elas interpretam e interpelam as palavras e seus enunciados, tocam na soberba dos governantes. Estes sentem que, se não lhes cai a cara, lhes cai, ao menos, a mão.

Desde 1982, a portas fechadas, os ministros brigam. Há os que querem negociar os termos do contrato com os Estados-Unidos e obter, com isso, garantias suficientes diante do deflagrar de uma guerra. Há os que pensam que uma tal renegociação tomará demasiado tempo, que o assunto deve se dar por encerrado antes das eleições e que é preciso avançar sem essas supostas garantias. Heseltine faz parte irresoluta destes últimos, contrariamente a seu predecessor, John Nott. Thatcher o havia nomeado. Nomeando-o, ela opera um corte em favor do desdobramento rápido de tudo que envolve a chegada e instalação destes mísseis nucleares. No que tange a quem irá apertar o botão, o Gabinete Ministerial toma a seguinte decisão: o exército britânico, responsável pela gestão das bases nucleares, junto aos americanos, deve, desde já, receber orientações secretas para dificultar todo tipo de impulso não desejado pelo governo (The Telegraph, em 01.08.2013). A promessa de sabotagem militar serve de compromisso. Thatcher conseguiu silenciar as vozes contrárias.

Em resumo, a guerra declarada contra as mulheres de Greenham serve tanto para as intimidar, quanto para tranquilizar os aliados e estreitar os círculos do governo. Greenham Commom escapa e irrompe àquilo que é habitual na tomada de decisões e força os responsáveis políticos a se apressar e a confessar que, no fundo, o que eles querem é a normalização da sociedade. As mulheres fazem história ali onde, ao menos aos olhos do governo, elas não tinham nada que ver (DESPRET; STENGERS, 2011).

“As amigas e os amigos que me ridicularizam pelo meu envolvimento com o movimento da paz e das mulheres de Greenham não riem mais e, algumas, ainda por cima, dizem que nós temos razão” (DWAU 46, Catherine Du Plat-Taylor). Esta constatação feita por uma avó e participante ocasional do campo pode ser generalizada. A opinião pública vira e se desvira ao ar dos punhos, violências, evicções, banimentos, prisões e processos que ocorrem em Greenham. Mais da metade dos ingleses, os Tory, se denominam contrários aos mísseis. Muitos raspam seus cabelos. Os botons circulam em quantidade: “nós somos todos Greenham!”.

Podemos, portanto, afirmar que, nos anos 1980, as mulheres de Greenham se fizeram incontornáveis. Elas conseguiram ser escutadas, incomodar e marcar a atualidade britânica. Mais: elas abriram uma brecha. É preciso, então, saber situar e recolocar os acontecimentos ali esboçados, isto é, apreciar em que e para que esta brecha nos engaja hoje. Pois, recolocar as questões que emergem deste episódio é se posicionar como herdeiros dele: de qual modo Greenham Commom pode nos situar no presente de hoje? No que segue, tento responder a esta questão, explorando-a de maneira a refazer a história que ela própria permite contar.

## Parar a máquina

Evidentemente que todas nós fomos e, pela primeira vez, nós compreendemos quão extraordinária era a força que todas nós tínhamos juntas, ali, para reclamar pela vida com amor, sem violência, por milhares de outros. Eu nunca havia sentido a força das pessoas antes, do povo (DWLE 8-8, Denise Aaron).

É tentador pensar - esta é uma narrativa recorrente - que as mulheres de Greenham fizeram a diferença porque elas chamaram a atenção da chegada destes novos mísseis e que, desde então, elas contribuíram para a assinatura do Tratado sobre as forças nucleares de médio porte o qual, em 1987, ordenava a retirada dos mísseis. Thatcher facilitou as negociações entre os Russos e os Americanos, visto que ela viu, ali, uma ocasião para se livrar de um problema espinhoso. Com efeito, não teria o signatário russo, Michael Gorbachev, ele próprio, assinalado o mérito das mulheres de Greenham como



aquelas que conseguiram alguma trégua? (FAIRHALL, p. 189, 2006).

A história de Greenham seria, assim, uma história da Guerra Fria. Ela se passaria de 1981 a 1987. Ela iria se dirigir à sensibilização do público para com os perigos que a corrida desenfreada dos armamentos nucleares representava.

Mesmo que isso não seja falso - o acampamento, afinal, conseguiu introduzir tais questionamentos na arena geopolítica - uma tal versão dos fatos é demasiado fraca. O evento é explorado em termos da ordem estabelecida, isto é, é tratado a partir das mesmas palavras e da lógica própria daqueles que as mulheres se opunham. "Sensibilização do público" é uma expressão majoritária.

O relato<sup>9</sup>, tomado neste sentido, resiste mal, então, à grande epopéia contada pelos estrategistas, sejam eles militares ou pesquisadores, para quem todos estes acontecimentos desvelam, em realidade, uma partida astuciosa de *poker* jogada por Ronald Reagan e Margareth Thatcher: o desenrolar da questão dos mísseis *era feita para* conduzir os russos à compreensão de que eles deveriam ceder. Reagan e Thatcher dividiram papéis e funções, ameaçando e, depois, demonstrando ternura à Gorbachev até o momento de obter a assinatura de um tratado que, nos seus pormenores, assinalava a impotência, logo o fim, da URSS (eis o relato contado do lado oeste!) (The Telegraph, David Blair: "Margareth Thatcher: the iron lady's pivotal role in ending the Cold War", 08.04.2013).

Em face à história dos Grandes Homens, a chamada "sensibilização do público", a tomada de consciência dos perigos, a chamada à participação, se convertem em um simples tema submetido à aprovação e ao consenso geral. As mulheres, com isso, são transformadas em espectadoras da partida. Desde as grades, elas assovia, aplaudem e influenciam o ritmo ou o ambiente do jogo... mas nada mais que isso. Dito de outra maneira, fazer de Greenham Common uma etapa da Guerra Fria, transformar a ação em uma campanha de sensibilização, acaba por trivializar o empreendimento.

Ademais, uma tal versão dos fatos deixa escapar o essencial. As mulheres não estão ali, em Greenham, para sensibilizar o público, mas para parar a máquina de guerra. A eficácia da sua luta deve ser tomada como medida correspondente a este objetivo. Com efeito, em 1987, quando o tratado é assinado, uma mulher declara:

A luta pela paz e pela justiça está longe de acabar [...] A pesquisa e a produção de armas nucleares britânicas, assim como a utilização ilegal de urânio continuam. As taxas de leucemia infantil permanecem altas. Isso sem falar das condições desastrosas da segurança e da saúde que se alastram nos arredores dos estabelecimentos nucleares. A produção dos mísseis Trident [sub-marinhos] começará e a pesquisa sobre os mísseis lançados a partir de porta-aviões já está marcada. Se você me perguntar, portanto, como eu vou festejar este tratado, eu lhe respondo que será com um garrafão de tinta e não com champagne (Republicado em The Guardian, A view of INF from the fence at Greenham, Rebecca Johnson, 06.09.2006).

A constatação é simples e formidável: não toca à arena geopolítica a possibilidade de decretar o fim de uma luta. Mesmo os responsáveis que parecem se declarar aliados das mulheres, tal como Gorbachev, ou os jornalistas simpatizantes não podem dizer, por não importa qual tipo de colocação, seja elogiosa ou não, em que consiste a vitória. Esta apreciação surge, mais uma vez, com as mulheres e muitas delas permanecem no campo em Greenham.

Em 1987, a base ainda se apresenta como uma máquina de guerra, isto é, como a espiral infernal onde se entrelaçam a economia de mercado, a exploração dos recursos ambientais, o nuclear - civil e militar - assim como o ethos machista, sempre lá, para promover a destruição planetária. Em 1989 e 1992, quando os primeiros mísseis *Cruise* e *Pershing II* deixam o solo britânico - e Greenham por último - as mulheres permanecem lá. Elas dizem que não abandonarão, aliviadas, as terras, até que

<sup>9</sup> N.T. No original, *écrit*. A tradução literal seria recital. No entanto, optou-se traduzir por "relato" devido à conotação epistemológica e política que a autora pretende alcançar com seu argumento. De modo sucinto, um relato busca trazer à tona a inseparabilidade entre um fato e seu entendimento, a coprodução da perspectiva e do objeto, desta fabricação de uma perspectiva situada, não universal, diferente da narrativa que, em sua essência, busca se ater à ordem dos fatos, engendrando, muitas vezes, a invisibilidade do narrador.



estas sejam destinadas a algum uso comunitário.

Esta reivindicação, já tão antiga quanto o acampamento, assinala a continuação dos acontecimentos e fornece o exemplo do incidente sobre um outro ângulo, digamos, minoritário. A eficácia da luta, agora, é colocada sob termos distintos daqueles da Grande História. Durante os anos 1990, as mulheres insistem para que as terras de Greenham, confiscadas pelo Estado em 1951, passem a ser administradas sob o jugo da *Lei dos Bens Comuns* (FAIRHALL, p. 130-140, 2006).

Elas ganham o pleito.

As terras são entregues à população de Newbury em 2000. As mulheres fecham o acampamento, assim, "com cuidado e amor" (DWAU 13). O essencial está aí. Esta é a sua maneira de explorar os eventos. As mulheres de Greenham conseguiram *desprender*<sup>10</sup> estas *terras* da máquina de guerra, isto é, as terras que elas ocuparam, habitaram e na qual, muitas delas, aprenderam a amar durante todos estes anos. Elas reabilitaram um outro fim ao planeta e esta é a tarefa na qual elas nos engajam hoje.

Vejamos isto mais de perto.

Em 2001, as mulheres de Greenham se dirigem às terras comuns a fim de inaugurar um monumento e elas escrevem a última carta assinada em seu nome. A carta testemunha a tenacidade destas mulheres. Ela faz planar, sutil e habilmente, o espectro da revolta, antes - e sempre - em curso.

Prezado Tony Blair, ao celebrar o vigésimo aniversário da caminhada à Greenham Common [...], nós sabemos muito bem até que ponto o planeta Terra permanece ameaçado. [...] Escutando aqueles que têm o poder político, sentindo a apatia ou a complacência dos eleitores, nos parece que ainda há inúmeras razões, tanto hoje quanto vinte anos atrás, de se ter muito, muito medo. O "escudo anti-mísseis" dos Estados Unidos rodeia o mundo com armas de pronto ataque. Assim como os Cruise dos anos de 1980, a chantagem nuclear é a regra do jogo. Por suas crianças e por todas as nossas, nós lhe demandamos refletir *muito* fortemente. O porvir nos julgará com muita severidade se nós encorajarmos a corrida a um mundo completamente militarizado. Todo canto do planeta alcançado por este escudo se incitará e revidará [...] ataques e destruição. Nós nos alegramos, então, com a ideia de que você se recusa a envolver Menwhit Hill, Fylingdales e todo e qualquer outro lugar do Reino Unido neste tema. Pela paz, as mulheres de Greenham Common (DWAU 13-10-3).

O final da carta é irônico, pois Tony Blair estava, então, em plena negociação com George Bush Jr. pela alocação deste escudo sob o solo britânico. Os lugares citados no documento já estão tomados com obras de infraestrutura militar globalizada e são, portanto, alvo das negociações. Em Menwhit Hill, a NASA, a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, coleta dados de telecomunicações, e se supõe hoje - os debates parlamentares atestam isso - que o escudo foi implantado<sup>11</sup>. Fylingdales é um dos raros lugares do mundo que está equipado com radares de detecção e de alerta de mísseis balísticos operados pelos Estados Unidos.

Isso significa que as engrenagens da máquina de guerra são numerosas e que elas fragmentam o território. A fim de não nomear senão aqueles que mobilizaram as mulheres, tem-se o Estabelecimento Nacional de Armas Nucleares em Aldermaston ou a base naval em Faslane que, no momento presente, abriga os mísseis *Trident* [o tratado de 1987 ordenava, com efeito, a destruição dos Cruise, mas também a reutilização das ogivas nucleares para outros arsenais]. Todos estes lugares estão comprometidos, são alvos, são cobiçados pela guerra... mas eles são, igualmente, terras contestadas (terras ocupadas por pessoas e militantes que contestam o seu uso militar). Blair não pode ignorar. A carta é um alerta.

Em Menwith Hill, junto aos acampamentos mistos, os acampamentos pela paz de mulheres se criam e se recriam (1984-1987; 1994-2012). Em Fylingdales, desde 2002, existe um acampamento. Isto para não falar do acampamento de mulheres de Aldermaston criado em 1985 e do acampamento misto

<sup>10</sup> N.T. No original *déprendre*, ou "se desvencilhar de". O termo e, por conseguinte, a escolha de sua tradução por "desprender," está associado a ideia de algo foi re-apropriado e liberado, desprendido de algo que antes o detinha, o havia apropriado ou confiscado.

<sup>11</sup> Ver o relatório de Dr Steve Schofield, Lid off Menswith Hill da Campanha pelo Desarmamento Nuclear da Organização do Tratado do Atlântico Norte.



de Faslane criado em 1982 que ainda perduram. Todos foram inspirados em e por Greenham, onde, ademais, as mulheres ainda se chamam, desde então e com bom humor, *avós desarmamentistas* ou *terroristas não-violentas*<sup>12</sup>.

Dito de outra maneira, desde Greenham Common, no Reino Unido, a máquina de guerra opera descoberta: cada um dos seus avanços corre o risco de ser obstaculizado pelos acampamentos. Blair não pode negociar impunemente. É isto a quem a carta faz referência.

A experiência de Greenham assombra o presente, visto que ela não para de lançar, uma e outra vez, o convite à re-apropriação das terras comprometidas. As palavras pronunciadas por uma das mulheres de Greenham, quando da ocasião da grande reunião do movimento da paz em Hyde Park, em 1981, se convertem, assim, em profecia: "as ocupações [das bases militares] são como inúmeros brotos de menta ou salsa que germinam mesmo durante o inverno. Antes mesmo da chegada da primavera, diremos: "caramba! Elas estão por todos os lados, por todos os lados!" (DWLE 1-158; DWLE 8-12; DLWE 1-180, discurso de Ann Pettitt, reconstituído por Allan).

O movimento pela paz nas ilhas britânicas é uma ramificação ativa e discreta que, em um primeiro momento, pode abrir, mais uma vez, o canal da Mancha e incidir sobre o continente europeu (*a priori*, nada impede). O movimento reúne pessoas que lutam por um mundo desmilitarizado, desnuclearizado, cujo investimento seja em infraestruturas de solidariedade; pessoas que ajam, na maioria do tempo, colocando e atravessando seus corpos em meio à máquina de guerra. É como se a ação direta fizesse parte do DNA do movimento.

Em todo caso, as mulheres de Greenham aportam ao movimento uma dimensão nova. Elas se dizem herdeiras das sufragetas - "comemorar não é suficiente" (DWAU 13-1-1; DWLE 6-6, lema da bandeira da *Women for Life on Earth*, criado por Thalia Campbell) - e convertem seu engajamento no movimento pela paz, até então entendido como verbal, reflexivo, enrolado nos debates ideológicos e estratégicos (mesmo no que tange à ação direta!), em algo mais ativo, mais carnal, mais prazeroso, de modo a que se o faça arranhar a condescendência, vis-a-vis, daqueles e daquelas que querem agir de imediato e que sabem que podem e devem parar a destruição. Daí o chamado lançado às mulheres ditas comuns que, rapidamente, não experimentam nenhum desconforto em ocupar, cantar, bloquear, dançar, sabotar e honrar, isto é, suscitar a potência dos milhares de outros e outras que irão recuperar o planeta parcela por parcela. Isto significa que as mulheres de Greenham introduzem no movimento pela paz a insolência, a malícia e o aborrecimento daquelas e daqueles que não se deixam mais ludibriar pelos *experts*, pelo governo, pelos líderes e seus imperativos de todos os tipos, e declaram, enfim, que já não se aguenta mais:

Raiva? Claro que nós temos raiva, assim como a Terra teria se pudesse falar. Mas nossa raiva é generosa - enfim, até agora. De todas as formas, nós não queremos matar por causa dela, nem em nome dela. Nós nos demos conta que nós temos a responsabilidade de fazer sobreviver a Terra e nossa espécie, e é por isto que nós dizemos, nós, mulheres do mundo inteiro: já tivemos o bastante! (DWAU 10-54).

Greenham Common não é um episódio da Guerra Fria. Ele participa de uma longa história de revoltas e de resistências, às vezes tímidas, às vezes explosivas, que não está disposta a parar. Ocupa um lugar singular que nós podemos, agora, qualificar. Os meios de comunicação britânicos gostavam de dizer que as minorias do País de Gales e as mulheres de Greenham foram "os piores pesadelos de Thatcher". Mesmo que estes não tenham declarado pública e abertamente, há, aí, com efeito, uma particularidade que merece ser destacada.

No começo dos anos 1980, no Reino Unido, ressurgem, por todos os lados, as lutas travadas corpo-à-corpo, tendo como enclave os próprios lugares que eram defendidos, por uma questão de vida, de sobrevivência e de morte. Nada como isto para perturbar a ordem estabelecida. Há tempos, aliás,

<sup>12</sup> Estes termos vieram mais tarde com o panfleto escrito por Claire Pope, em 2012. Ver <<http://www.minggrandmothers.wordpress.com>>, acessado em julho de 2016.



que estas lutas se arrastam. “E pensar que seu pai e seus filhos estão nos combatendo a fundo” (DWLE 10-54, Josie Wallenius), suspira um policial, cansado, em Greenham, enquanto ele carrega uma mulher na ambulância. E o que dizer deste pedaço de papel preso na grade de Greenham pela mãe de um dos dois menores mortos nos piquetes da greve:

A meu querido filho David, 24 anos, que deu sua vida pela Greve dos Menores de 1984. Que teus filhos e os filhos dos teus filhos possam ter uma vida mais longa e melhor do que a tua, livre da guerra nuclear. Tu perdeste tua guerra. Que eles possam ganhar a deles (DX 989, Stella Garrett-Jones).

As palavras performam. Esta mãe evita a armadilha na qual caem inúmeros comentadores, observadores e pesquisadores, quando estes tentam avaliar a derrota ou a vitória de uma luta em termos absolutos, quando eles dividem ao meio a questão dos efeitos de um combate, separando-o de outros combates, sem se dar conta que, assim, se corta o fio da herança (STENGERS, 2015). Esta mãe recusa isolar a greve na qual o seu filho se engajou, de a julgar e de a transformar em um episódio que qualquer um pode simplesmente comentar, comemorar ou admirar com emoção, mas sem se preocupar com seus *pontos de passagem*<sup>13</sup>. Ela nos recorda que a luta não se esgota até que ela seja perdida nas dobras do tempo, isto é, até que ninguém mais a narre e se inspire por ela. É contra esta perda que se abre o pedaço de papel preso na grade: o convite foi relançado, a história das resistências continua, a passagem será feita.

O livro *Des femmes contre les missiles* participa deste ponto de passagem. As mulheres de Greenham podem nos ensinar como não abandonar as terras comprometidas; como lutar com alegria, raiva e insolência; como suscitar a sororidade, iniciar um engajamento carnal e enfrentar a adversidade. O *como* importa. Somente relatos como estes (compreendidos neste livro e nos documentos que falam de Greenham), isto é, relatos detalhados, circunstanciais, empíricos e, portanto, técnicos, permitem que se faça um ponto de passagem. A admiração pode ceder lugar à inspiração.

De minha parte, este livro, assim como outros testemunhos e traços deixados por Greenham Common, me persuadiu do papel crucial que joga o humor. As mulheres são “trapaceiras”<sup>14</sup>, palavra que diz bem, no inglês, que uma situação é redefinida por quem se engaja na ação. Como também o repete o livro: é importante criar o acontecimento por meio dos termos que nos pertençam. Podemos acrescentar, escrutinando os detalhes das ações, que é importante rir.

O resto deste texto, tomará como partida e continuação, então, esta sororidade já evocada e mostrará a qual ponto as mulheres são unidas e conectadas entre elas pelo prazer que elas sentem em usar da astúcia, e em desmontar as expectativas.

## Imprevisíveis e brincalhonas

Um homem em visita comenta: “eu queria roubar os cadeados que estão fechando as grades”. “Não”, diz uma das mulheres, “*acrescente* mais um” (DWAU 13-3/3(2)).

“O que eu mais me lembro foi algo que Sheila me disse: ‘tu e eu vamos rir um montão, éita!’” (DWAU 8-14).

Desde o começo, a luta, entregue ao corpo-à-corpo, pelas terras de Greenham Common, é

<sup>13</sup> N.T. Sem itálicos no original, *passage au relais*. Ponto de passagem, ponto intermediário, etapa, ponto que faz ligação ou ponte.

<sup>14</sup> Eu encontrei o coioite ou o trapaceiro dos Navajos na primeira vez que li o artigo de Donna Haraway sobre os saberes situados (HARAWAY, 1988). Ver, também, Haraway, 2004. Mas, em realidade, na literatura feminista, existe uma multidão de referências de figuras trapaceiras. Para não citar senão uma breve exploração do tema, recente e original, ver Puotinen, s/d.



atravessada por fecundos mal-entendidos. Enquanto as primeiras mulheres se dirigem para as grades para ali se acorrentarem - como fizeram as sufragetes - o agente responsável pela guarda do local as saúda: ah, senhoritas, vocês levantaram cedo hoje. As mulheres se preocupam: algo vazou?; estaria a base atualizada das suas intenções?

Elas perguntam ao guarda o que ele quer dizer e ele as responde que, obviamente, elas seriam as empregadas que viriam para a limpeza da base. Ofuscadas, elas exclamam: “nós não somos empregadas domésticas, nós estamos aqui para nos acorrentar!”. “Oh, entendi; e isso serve para quê?”, ele pergunta com um certo tom de curiosidade.

Ainda hoje, quando as mulheres contam essa história, elas caem na gargalhada (DWLE 8-12; DWLE 8-8). Uma delas constata que a força do acampamento reside justamente nestes mal-entendidos de gênero e outras expectativas interconectadas que elas aprenderam a lidar e a manipular: “se eles não compreenderem o que nós, mulheres pueris e tolas que cacarejam em pequenos bandos, estamos fazendo, será tarde demais” (DWLE 6-39).

Depois disso, suas ações posteriores passaram a estar inscritas em registros oficiais e documentos, e conduziram as mulheres de Greenham pela primeira vez ao tribunal. Em 27 de agosto de 1982, uma dezena de mulheres decide não mais simplesmente invadir a propriedade, mas tomar conta da guarita localizada na entrada principal.

Não maior do que uma parada de ônibus, a guarita é arrombada e as mulheres, em fila, entram, lotam o espaço e fecham a porta à chave. Os guardas ficam visivelmente incomodados e não sabem o que fazer diante de uma ação a qual eles não conseguem muito bem apreender o sentido e, sobretudo, que os deixa bastante desconfortáveis, pois eles têm que sair espremidos por uma das janelas, se esfregando contra mulheres que, espremidas umas às outras, cantam e brincam. Será preciso algumas horas até que as posseiras sejam conduzidas fora dali. E isso é que é se divertir!<sup>15</sup>

Os primeiros passos que as levaram a ilegalidade são dados, portanto, em tom de animação. É que até este momento, o limiar da legalidade não fora facilmente rompido. A grande parte das mulheres diz que é o sentimento de necessidade, de cólera, que, já de início, as impulsionou e que as permitiu *ousar* desobedecer. Isto se dá de tal modo que uma “respeitável” aposentada de um antiquário, como ela mesma diz, se recusa, no começo, a cortar a grade ou, em suas palavras, “vandalizar a propriedade”. Porém, repentinamente, após as discussões com os guardas, as evidências lhe geram uma reviravolta: “Como ousam!”.

Confrontada com um sistema que ela passa a qualificar de obsceno, porque ele ameaça este belo planeta e o faz com toda impunidade, ela fica com raiva, se embrabece e termina presa, convocada diante de um juiz para responder sobre sua participação nas incursões contra a base. Não há, aí, nenhum sacrifício. A aposentada do antiquário diz ter experimentado prazer ao agir. Ela se sente devir este ser ambivalente e formidável que é uma “sexagenária em raiva”. Ela, depois, participa de cada ação e convida outras mulheres a também o fazerem.

Nós desafiamos a polícia, as tropas, o Ministério da Defesa e as prisões de *todas as formas possíveis e imagináveis*. Eu digo a vocês, é uma experiência libertadora - mesmo que seja para ir parar na prisão. Pense no quanto os governos ficariam aterrorizados se esta mentalidade se espalhasse. Vamos lá, tente! (DX 989, vol. 1, Jane - grifos meus)<sup>16</sup>.

Estas frases, publicadas em um boletim eco-feminista, não são aquelas de uma ameaça - isto as sobrecarregaria de uma gravidade revolucionária muito recorrente - mas sim aquelas de um convite para descobrir as alegrias da desobediência. O humor e a animação nascem no interior da ação que nasce, a sua vez, da raiva sentida diante de tantas ameaças e destruições planetárias.

As mulheres de Greenham se divertem porque elas tomam a situação em suas mãos, desafiam

<sup>15</sup> Ver vídeo *Ocupando a guarita*, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>.

<sup>16</sup> DX 989, vol 1 (1).



o poder e criam para si novas identidades, irônicas, enviesadas, inventadas a partir de posições sociais por meio das quais elas foram, durante muito tempo, designadas. “Um soldado me disse que se eu fosse uma mulher normal, caseira, ficaria em casa assistindo telenovelas” (DWLE 2-62, Maggie). Ela diz que ela bem que brincaria, ali mesmo, para ele, de telenovela! Constatações desse tipo se dão inúmeras vezes: a inversão do estereótipo provoca regozijo.

Dito de outro modo, a luta corpo-à-corpo que ocorria nas terras de Greenham ensinou as mulheres a fabular figuras de contestação por meio da exageração e da inversão das identidades ditas *normais*. E isso ensinou as mulheres a sentir prazer.

Este prazer não impede que, nas trocas com as feministas, as mulheres tivessem que se justificar quanto à escolha dessas figuras de contestação e, mais particularmente, daquelas figuras que dizem da função maternal. A mãe que combate pela sobrevivência de seus e de outros descendentes, a mulher que engendra e coloca seu corpo se atravessando pelas engrenagens da morte, a guardiã da Terra que age em nome desta... estas figuras arranhariam o essencialismo na medida em que as mulheres seriam reconduzidas à esfera reprodutiva. Tal é o pavor expresso pelas feministas<sup>17</sup>.

Mas isso é não entender a operação. As mulheres exploram a *ambivalência* da sua situação na e pela luta. A sociedade valoriza a sábia dona de casa que fica protegida em seu lar, cuidando das crianças, ó nobre tarefa de reprodução e transmissão? Aplaudiremos, então, a sexagenária que explora, enfim, os domínios deixados de lado ao longo de sua vida ativa, convidando as demais a não fazer pouco caso?! Bem, justamente. As mulheres fazem propagar a ambivalência nos entremeios de uma guerrilha alegre e não violenta. Elas nos ensinam que todo o aspecto de uma identidade que lhes é designada, ainda que ela comporte um certo apego (às crianças, à ação, à Terra...) pode se converter em uma lança de ferro.

As figuras são, portanto, múltiplas. “Poucos jornais mencionaram que haviam também absorventes dependurados na grade”<sup>18</sup>. Com efeito, a luta articula tanto a re-apropriação do corpo feminino - Daly, Ehrenreich, English são autoras lidas no campo - quanto a defesa das gerações futuras. Na grade são dependurados absorventes e coisas de bebê, mas também citações de Virgínia Woolf, slogans anarquistas, provérbios Quaker, odes lésbicas, desenhos de dragões, símbolos pagãos etc. Em resumo, não se pode confundir identidade de luta e identidade assinalada. Nenhuma alegria pode advir de um apelo aos papéis tradicionais. As mulheres não são masoquistas. Elas não vão a Greenham para serem reduzidas a clichés, mas sim para participar de uma luta que lhes ensinou a se beneficiar desta criatividade.

Uma simples enumeração de ações pode assim testemunhar. Em 12 de dezembro de 1981, as mulheres de Greenham caminham com tochas até Newbury para *desfestejar*<sup>19</sup> o aniversário de dois anos da decisão da OTAN de introduzir os mísseis na Europa. Em janeiro de 1982, elas realizam rituais de lamentação em frente à Câmara dos Comuns em Londres. Em março, elas organizam o Festival da Vida que reúne seis a dez mil visitantes, com concertos e bloqueios, paralisando o trânsito ao redor da base durante 24 horas e terminando com 34 prisões. Em junho, elas bloqueiam todo o bairro da Bolsa de Valores e choram como faziam os *Banshee*, espíritos da mitologia pagã irlandesa, durante a chegada de Reagan em Londres. Em agosto, elas fazem um tributo às vivas e mortas e aos vivos e mortos de Hiroshima e Nagasaki. Em outubro, a construção da rede de esgotos da base é interrompida quando as mulheres tecem teias de aranhas pregadas ao solo junto ao corpo de outras mulheres atiradas nos canteiros das obras (esta é a segunda ação após aquela da guarita que terminou no tribunal). Em janeiro de 1983, um pouco depois da dança nos silos, as mulheres invadem o Parlamento e se fazem ouvir com seus cantos. Em fevereiro, elas bloqueiam a entrada de Heseltine a Newbury e

<sup>17</sup> Ver os inúmeros comentários e análises feitos pelas revistas *Off Our Backs* e *Spare Rib*. A revista *The Leveller* já pareceu ser menos hesitante. Ver o texto “a new force in the land: the peace movement after Greenham” (DWAU 10-53).

<sup>18</sup> Ver Vídeo *Politics*, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>. Consultado em agosto de 2016.

<sup>19</sup> N.T. *Dé-fêter*, sem grifos no original. Decidiu-se criar o neologismo literal na tradução para o português.



se disfarçam em uma longa e encantada serpente do saber que visita a base, as casas e escolas das famílias dos militares: “nós aprendemos, nós crescemos, nós redescobrimos as histórias antigas”<sup>20</sup>. Em março, elas jogam partidas de *Serpentes e escalas* que trata de inventar maneiras inovadoras de entrar na base e impedir as atividades. Em abril, elas criam uma corrente humana entre os acampamentos da paz de Greenham e de Aldermaston. Em maio, elas despejam cinzas nos terrenos da Tarmac, acusando esta companhia de estar implicada na guerra. Em junho, elas despertam o Dragão do Arco Íris destinado a cuidar da Terra. Em julho, elas cruzam a grade e realizam rituais individuais, mais ou menos espontâneos. Em outubro, elas se disfarçam em ursinhos de pelúcia gigantes pingando a mel e entram na base para festejar<sup>21</sup>. E assim por diante.

Diante destas ações, os adversários se veem desamparados. O comissário do exército abandona as mulheres da serpente encantada, não sabendo muito bem sob qual base legal as deter. Os juízes são incapazes de manter a atmosfera séria do tribunal quando as mulheres dão suas declarações políticas decorando os corredores com flores e ninando seus animais de estimação. Os policiais hesitam entre o desgosto que essas figuras *hippies*, também chamadas de “sorridentes”<sup>22</sup>, lhes inspiram e a reverência que eles mesmos devotam à toda mãe. Os soldados se felicitam por terem ferido - violentamente - as mulheres com seus jipes (DWLA 10-39) e, ao mesmo tempo, ao menos no começo, eles se galanteiam querendo ajudar as mulheres em suas rotinas no campo (DWLE 8-8). O comandante da base desaprova essas mulheres que ele qualifica de barrentas - “é preciso saber que a sujeira vai contra a minha concepção daquilo que as mulheres são e devem ser”<sup>23</sup> - mas ele confessa ter sido fisgado por estas aparições: quando as mulheres atacam a grade, ele explica, elas são impressionantes por sua rapidez e habilidade; sua força é realmente surpreendente.

Seria tentador dizer que as mulheres de Greenham desestabilizam o adversário porque elas não correspondem à nenhuma imagem que este constrói da “mulher”, ou porque há muitas imagens a uma só vez. Mas é mais justo ainda dizer que as mulheres são eficazes porque elas criam ao redor da base uma “presença espectral”<sup>24</sup>. Estas palavras são utilizadas por militares que, com efeito, passam seu tempo tentando adivinhar qual o próximo golpe que as mulheres os reservam, enquanto que, no que tange a elas, a invenção de tais atos inesperados lhes faz sentir uma astúcia prazerosa.

A presença espectral é, para elas, um jogo de gato e rato burlesco. Veja-se o testemunho de uma mulher que visita o acampamento para ajudar na sabotagem da operação *Coração de Leão*, dirigida pela OTAN através de toda a Europa em 1984, isto é, neste caso, para ajudar a impedir os ensaios dos deslocamentos dos mísseis nucleares para os países próximos da base. Ela descreve as trocas com os soldados em um caderno destinado a outras mulheres:

Quando tu caminhas, tu és escoltado por um soldado britânico que se encontra do outro lado da grade e reporta teus movimentos inimigos por um *walktalk*: “krrr! Romego à Tango. Estou com duas mulheres que se dirigem a oeste. Câmbio! Krrr”. Eles querem obter informações e é visível que receberam instruções de nos interrogar. Eles o fazem sutilmente: “Então, mulheres, qual é o seu plano?” “Oh”, lhes respondemos “um milhão de mulheres estão a caminho para atacar a base esta mesma noite”. Ele engole seco e transmite a informação a Tango. Ou então, tu podes causar consternação ao se esconder atrás de um arbusto. Os soldados se amontoam, os *walktalks* crepitam, os faróis se acendem, os jipes chegam, tudo até que tu reapareças e retomes a caminhada (“A Day in the Life, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>, consultado em agosto de 2016).

A grande maioria delas assim brinca, ri e desfruta desta guerrilha nada habitual. Mesmo nos piores momentos, quando os despejos são brutais, as confrontações são aos socos e os mísseis chegam

<sup>20</sup> Ver vídeo *Politics*, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>. Consultado em agosto de 2016.

<sup>21</sup> Ver o vídeo *Teddy Bear Picnic*, disponível em <<http://yourgreenham.co.uk>>, consultado em julho de 2016.

<sup>22</sup> Ver o vídeo *Policing*, disponível em <<http://yourgreenham.co.uk>>, consultado em julho de 2016.

<sup>23</sup> Ver o vídeo *Policing*, disponível em <<http://yourgreenham.co.uk>>, consultado em julho de 2016.

<sup>24</sup> Ver o vídeo *Policing*, disponível em <<http://yourgreenham.co.uk>>, consultado em julho de 2016.



na base (três situações qualificadas como duras pelas mulheres), as mulheres desviam da violência que lhes é impingida re-enquadrando inteligentemente o acontecimento. Desta maneira, por exemplo, após o primeiro levantar de punhos, elas se reúnem ao redor de uma fogueira que se converte, em continuidade aos cantos, em algo cada vez mais alegre, como “um farol de vida e sossego”<sup>25</sup>. Quando do segundo despejo, elas preparam, em paralelo, sua instalação em outro canto do terreno com as coisas que elas haviam escondido na floresta ao lado (DWAU 13-8). A chegada dos mísseis é, para elas, a ocasião para aprender as táticas de vigia e estudar as manobras militares (DWAU 10-55).

Em resumo, as mulheres não se permitem serem capturadas pelas evidências que o adversário tenta lhes impor. Elas estão em constante mudança e sempre à frente, e isso graças ao seu humor e seu senso do jogo.

Guerrilha alegre. Muitos viram um estilo, uma estética, uma maneira “libidinal” (KING; KIRK, 1989; ZITOUNI, 2014; HACHE; 2016) de fazer política: “tudo, desde sua evicção da base, passando pela sua aparição no tribunal, até a chegada da Marinha Negra (trata-se, aqui, provavelmente, de um mascote) é estilizado ao ponto de se converter em coreografia” (DWLE 9-12). Nós compreendemos, hoje, que essa coreografia resulta tanto da preparação de cenários elaborados quanto do convite lançado às mulheres de renovar sua ação e de trazer a estas os atributos e as histórias que lhes são caras.

A Marinha Negra é provavelmente introduzida pelas anarco-feministas judias (DESSEL, 2014)<sup>26</sup>. A originalidade dos ursinhos de pelúcia é de ter-lhes lambuzado de mel e de ter, assim, criado um embaraço naqueles que tentam lhes agarrar... para a grande alegria das mulheres. Em outras palavras, as mulheres são imprevisíveis *porque* elas são brincalhonas. Pode-se dizer, também, que elas são formidáveis porque seus aportes situados e espontâneos carregam um “elemento de celebração” (DWLE 2-37) o qual o engajamento político tem necessidade. Elas não se insuflarão.

Com efeito, a constatação é simples. As mulheres de Greenham re-inventaram a não-violência. Elas evitaram uma presença de intensidades passivas e gentis - “à la Ghandi”<sup>27</sup> definem elas - pois elas sabiam muito bem que é justamente isso que se esperava delas. Elas passaram a ser vândalas, contrabandistas, atrevidas, estúpidas. Elas chamaram a atenção ao êxito e ao efeito de surpresa de cada uma de suas ações colocando nelas suas tripas, suas risadas e sua raiva.

No que diz respeito ao homem em visita evocado mais acima, esse que acrescenta um cadeado no lugar de tirar um, elas aprenderam que a ação direta pode ser, ao mesmo tempo, disruptiva e imensamente prazerosa. Elas o convenceram e podem *nos* convencer que, na adversidade, “é melhor utilizar nossos imensos recursos da imaginação, do humor e da criatividade para se contrapor às forças destrutivas dos poderes aos quais nós nos opomos” (DWAU 13-3-3).

## Sentir o perigo (coda)

Eu sinto uma conexão forte com estas florestas tão belas. Se tu te viras de costas para a base e olhas o céu, tu podes ver as folhas delicadas e prateadas das bétulas balançando com o vento (DWAU 46).

Eu sabia que não restava mais do que uma meia hora e que o mundo não renasceria. A promessa de eternidade das folhas [renascendo a cada primavera] havia sido traída e eu me despertava (COOK; KIRK, p. 62-63, 2016 - Kate).

<sup>25</sup> Ver o vídeo *Politics*, disponível em <<http://www.youngreenham.co.uk>>, consultado em agosto de 2016

<sup>26</sup> Martha Gruening é uma das primeiras feministas brancas e judias a colaborar com a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP, em inglês).

<sup>27</sup> Ver o vídeo *Blockading the base*, disponível em <<http://www.youngreenham.co.uk>>, consultado em junho de 2016.



Duas mulheres se escrevem. Uma demanda a outra porque as francesas estão tão ausentes dos acampamentos, porque o movimento da paz não lhes diz nada e porque elas não denunciam mais os testes nucleares que ocorreram no Pacífico nos últimos vinte anos. A outra, aparentemente inglesa, mas morando na França, contrapõe que, do ponto de vista das francesas, a questão é, antes, de saber porque as inglesas não protestam ainda mais contra o fato de os irlandeses terem sido deixado a sua própria sorte pelo governo britânico! Ela segue avançando em hipóteses que fazem com que tudo gire ao redor das sensibilidades e do passado de guerras: “a morte, para nós, caía do céu [e somente do céu!]” (DWLE 1-170, Mollie). Em todos os casos, ela conclui, um fato é certo: as francesas não têm medo; elas não acreditam que a guerra nuclear seja iminente; elas parecem se sentir confiantes quanto a sua engenharia e seu governo (de esquerda).

É preciso dizer que elas, as inglesas, têm medo. Lembra uma habitante de Greenham Common, doze anos mais tarde: “em minha vida, eu nunca havia visto tanta besteira. Desde quando eles faziam o treinamento de segurança [sua família devia ficar escondida embaixo da mesa da cozinha, diante da simulação da verificação dos domicílios por um oficial] eu nunca mais perdi uma ocasião para agir e protestar” (DWLA 10-55).

Uma mulher sublinha, apontando para o teto, que o perigo era palpável à época: “a gente sentia a bomba bem ali, em cima de nossas cabeças”<sup>28</sup>. Inúmeras mulheres falam desta sensação. Parece que houve uma diferença de medo e de agonia entre um lado e o outro do canal da mancha.

Por um lado, sua segurança na existência de um porvir foi definitivamente evaporada por ocasião do lançamento da campanha *Protect and Survive* (1980-1981) do governo britânico e isso as colocou em alerta, as preparou - elas e suas famílias - para uma guerra nuclear. Por outro, torna-se útil lembrar ainda que as inglesas sonhavam com o desastre bem antes que lhes fossem impostos estes treinamentos de sobrevivência. Muitas dizem serem assombradas por pesadelos à noite, antes mesmo dos anos que marcaram o *Protect and Survive*, e dizem ainda sonhar.

As mulheres dizem que a idade de ouro da sabotagem da base, o período onde elas se sentiram conduzidas pela força da história, vai de 1981 a 1985. Este momento mágico, que elas qualificam de histórico, é também aquele onde as mulheres mais sonharam e pressentiram o perigo.

Talvez, estas sonhadoras captaram, a partir de algum momento, nos bastidores, que o governo organizava a preparação delas para a guerra nuclear. Talvez elas apreenderam as insinuações proferidas, neste sentido, pelo círculo dos iniciados, ou seja, os responsáveis da BBC. Podemos seguir e tentar explicar, dessa maneira, os meandros da propagação de um sentimento do apocalipse. Mas o importante não está aí.

Estas mulheres, seus sonhos e conteúdos nos ensinam outra coisa: o que se exprime não é o medo da morte individual, familiar, mas aquela que para o mundo. As mulheres temem o aniquilamento de toda forma de continuidade (COOK, 1982). É como diz uma delas, com humor: “dizemos com frequência que melhor vale a morte do que o comunismo. Mas eu digo que não quero que o mundo pare só porque *elas* querem, antes, morrer” (DWAU 13-8).

Dito de outro modo, o medo sentido pelas mulheres testemunha um engajamento (HACHE, 2011) com o mundo ou, mais exatamente, um engajamento ao devir-mundo, próximo aquilo que Haraway conceitua como “wordling” (HARAWAY, 2016). Ele exprime o desejo de ver as histórias humanas e *extra-humanas* continuarem para além de um fim individual. A quem quer que seja, e esse foi o caso em Greenham, o medo oferece a todas aquelas que se dispõem a o partilhar e a agir a partir dele uma projeção de si, um além de si e, com isso, um ser “levado” pelo medo. Daí decorre o sentimento de viver este momento histórico raro. O medo pelo mundo e a alegria da sabotagem andam de mãos dadas (STARHAWK, [1982] 2015). Starhawk, aliás, traz, rapidamente, inúmeras experiências, inclusive a sua própria na luta antinuclear, de flashes apocalípticos que seguem em alegria e sororidade, e que se

<sup>28</sup> Ver o depoimento de Barbara Jane no vídeo *March to Greenham*, disponível em <<http://www.yourgreenham.co.uk>>, consultado em agosto de 2016.



comunicam com as evidências narradas aqui.

Mas levemos o argumento mais longe. As mulheres de Greenham nos ensinam que não há resistência sem o pressentimento da ameaça que espreita. Não há revolta sem engajamento. Só a amargura e o medo da perda daquilo que é caro podem suscitar a cólera e o sentimento de que lutar é necessário. “Por favor, mulheres, compartilhem seus pesares” (DWLE 6-40). Para explicar suas ausências, as mulheres de Greenham não evocam suas tradições feministas divergentes, nem analisam o campo político, nem discutem as críticas de massa, nem se remetem ao *zeitgeist*, mas, sim, avaliam as sensibilidades que se fazem operar diante do perigo.

Uma luta é algo travado com e por meio do corpo e, por isso mesmo, é uma questão de etologia, isto é, de seres que devem aprender a suscitar e mesclar as sensações de alerta, de amor e de prazer no contato com um ambiente mais ou menos hostil, mais ou menos clemente, e que se deve, também, aprender a sopesar. É preciso saber fabricar corpos que estejam em vigia quanto às possibilidades e condições de vida e de morte que o porvir próximo reserva. Por que algumas sentem e outras não sentem o perigo iminente? O que torna alguém sensível à ameaça planetária? Estas são as questões que as mulheres de Greenham se colocam.

Hoje, é preciso interrogar sobre a ausência de sonhos. Onde estão nossos relampejos apocalípticos? Nossos pesadelos do fim do mundo? Nossas histórias extra-humanas? Nossas amarguras e tristezas? Nossos seres queridos? Nossas terras? Por que não estamos mais em cólera, não somos insolentes ou intratáveis? Ou, talvez, seja necessário inverter a questão: por que nós não vemos, não honramos, não retomamos os pontos de passagem daquelas e daqueles, inúmeros, que já o fizeram? Como fazer passar a tristeza e a cólera, mas também a alegria? Não há, aí, nenhuma acusação, nem culpa, nem culpabilidade, mas, antes, a intuição herdada das mulheres de Greenham de que hoje, talvez, nós tenhamos dificuldade a nos tornar sensíveis àquilo que nos chega. Nesse sentido, a diferença entre as duas margens do canal da mancha, o contraste entre as duas épocas, é, sem dúvidas, da ordem da etologia. Aprender a sentir o perigo, a experimentar a amargura, a cultivar a cólera são os inúmeros poleiros que nos deixam as mulheres de Greenham, para que nós não mais abandonemos nossas terras.

Esta história passará, talvez, como uma lenda. Mas [e esta é minha esperança] ela poderá, igualmente, se converter em algo tão comum, com um cenário tão frequentemente visto e recontado, que ela se perderá dentre todas as outras histórias similares já contadas (DWLE 2-37, vontade pronunciada por uma eco-feminista inglesa na revista do movimento pela paz *Sanidade* em referência à Greenham Common, que estava, neste momento, em seu começo).

## Referências

COCKBURN, Cynthia. **Anti-militarism: policital and gender dynamics of peace movements**. Palgrave: Macmillan, 2012.

COOK, Alice; KIRK, Gwyn. **Des femmes contre des missiles: rêves, idées et actions à Greenham Common**. Paris: Camburakis, 2016.

DESPRTE, Vincienne; STENGERS, Isabelle. **Les faiseuses d’histoire: que font les femmes à pensée**. Paris: La Découverte/Les empêcheurs de penser en rond, 2011.

DESSEL, Susan. A voice from the Black Maria: Martha Gruening (1889-1937). Michigan: **Frankel Institute Annual for Advanced Judaic Studies**, p. 24-27, 2014.

FAIRHALL, David. **Common Ground: the story of Greenham**. Tauris & Palgrave Macmillan, 2006.



HACHE, Émilie. **Ce à quoi nous tenons: propositions pour une écologie pragmatique**. Paris: La Découverte, 2011.

\_\_\_\_\_. **Reclaim! Recueil des textes écoféministes**. Paris: Camburakis, 2016.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledge: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, vol. 14, n.3, p. 575-599, 1988.

\_\_\_\_\_. Cyborgs, coyotes and dogs: a kinship of feminist figuration. **The Haraway Reader**. Routledge, p. 321-341, 2004.

\_\_\_\_\_. **Staying with the trouble: making kin in the chthulucene**. EUA: Duke University Press, 2016.

KING, Ynestra; KIRK, Gwyn. **Rocking the ship of the State: toward a feminist peace politics**. London: Pergamon Press, 1989.

PUOTINEN, Sara. **Troublemakers, outlaws and storytellers: feminist tricksters as role models**. Disponível em <<http://undisciplined.room.34.com>>, consultado em março de 2016, s/d.

STARHAWK, Miriam Simos. **Rêver l'obscur: femmes, magie et politique**. Paris: Camburakis, 2015.

STENGERS, Isabelle. **Jeux de ficelle avec Haraway**. Comunicação no Colóquio Sataying with the Trouble. Bruxelas: Université de Liège, realizado em novembro de 2015.

SWERDLOW, Amy. **Women strike for peace: traditional motherhood and radical politics in the 1960's**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

ZITOUNI, Benedikte. Planetary destruction, ecofeminist and transformative politics in the early 1980. **Interface**, vol. 6, n.2, p. 244-270, 2014.

Data de submissão do artigo: 21/01/2019

Data da decisão editorial: 30/05/2019